

DE CURTANTE A BLOQUEANTE: PROCESSOS COGNITIVOS SUBJACENTES À DESIGNAÇÃO DE PARTICIPANTES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS**FROM CURTANTE TO BLOQUEANTE: UNDERLYING COGNITIVE PROCESSES IN THE DESIGNATION OF PARTICIPANTS IN RELATIONSHIPS**

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19523

Fernando da Silva Cordeiro¹
Edvaldo Balduino Bispo²

Resumo: Analisamos nomes em *-nte* que designam participantes de uma (possível) relação afetiva. Objetivamos caracterizar semanticamente tais nomes; discutir a atuação de processos cognitivos implicados em seus usos; e explicitar estruturas conceituais acionadas na emergência desse sentido. Fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Teoria da Representação Morfológica. Compõem o *corpus* 387 ocorrências coletadas na rede social *X*. O sentido analisado emerge da conceptualização de (potenciais) relações afetivas casuais. A analogização é o mecanismo de expansão semântica implicado nesse processo. Subjaz a projeção metonímica do tipo parte-todo e *frames* são acionados para a construção desse sentido especializado.

Palavras-chave: Nomes em *-nte*; Relações afetivas; Processos cognitivos; Linguística Funcional Centrada no Uso; Teoria da Representação Morfológica.

Abstract: We analyze *-nte* nouns designating participants in a (possible) relationship. We aim to characterize these nouns semantically; to discuss the role of cognitive processes in their usage and to explain the conceptual structures involved in its emergence. Our theoretical frameworks are Functional Usage-based Linguistics and Morphological Representation Theory. Our data comes from 387 occurrences collected in *X* social network. The meaning conveyed by these names emerges from the conceptualization of (potential) casual relationships. Analogization is responsible for the semantic expansion. These names are subject to a part-whole metonymic projection and frames are used to construct this specialized meaning.

Keywords: *-nte* Nouns; Relationships; Cognitive processes; Functional Usage-based Linguistics; Morphological Representation Theory.

Introdução

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6940-1994>.

² Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN e pós-doutorado sênior em Estudos de Linguagem (UFF). Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: edvaldo.bispo@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>.

Segundo Cordeiro (2017, 2021), nomes deverbais em *-nte*, a exemplo de *ouvinte*, *pedinte* e *amante* são licenciados por um padrão construcional representado esquematicamente por $[[X]_V -nte]_N$. Trata-se, conforme o autor, de um padrão morfológico de formação de palavras do Português Brasileiro (PB) cujas raízes remontam ao participípio presente latino³. Vejamos estas ocorrências:

- (1) O levantamento também sinaliza que as empresas de turismo têm um papel **importante** na opinião dos viajantes brasileiros, e 86% deles acreditam que essas empresas deveriam oferecer mais alternativas de viagem sustentável. “O **viajante** brasileiro está cada vez mais preocupado com a diminuição dos impactos causados por suas férias. No entanto, vemos que a indústria ainda tem pela frente desafios para enfrentar”, diz Luiz Cegato, **gerente** de comunicação da Booking.com para a América Latina. (CP, *Corpus NOW*)⁴
- (2) “pode tirar foto com **ficante**?” (X, 07/05/2024)⁵
- (3) “Vi meu **observante** da academia de novo e meu gaydar apitou” (X, 10/05/2024)⁶

Conforme podemos observar, nos fragmentos de (1) a (3), os elementos em destaque instanciam o padrão esquemático referido. Em *importante*, *viajante*, *gerente*, *ficante* e *observante*, temos uma base verbal seguida de vogal temática (importa-, viaja-, gere-, fica-, observa-), mais o sufixo *-nte*, este último resquício formal do participípio presente. Como resultado dessa junção, forma-se uma palavra tradicionalmente categorizada como substantivo (*viajante*, *gerente*, *ficante* e *observante*) ou como adjetivo (*importante*). Constata-se, assim, a representação formal por meio da configuração esquemática $[[X]_V -nte]_N$, em que o *slot X* é ocupado por um item lexical da classe dos verbos, acompanhado de vogal temática, acrescido do sufixo *-nte*, único elemento fixo dessa configuração. O elemento formado por esse esquema corresponde a um nome (substantivo ou adjetivo), como mostra o índice N subscrito.

Alguns estudos têm sido empreendidos acerca de nomes formados pelo acréscimo de *-nte* a uma base verbal. É o caso, por exemplo, de Medeiros (2005, 2010), Dias (2014), que analisam aspectos morfológicos e semânticos dos nomes em *-nte*, e ainda Oliveira e Oliveira (2009), que constata a gramaticalização do participípio presente no Português. Em uma perspectiva relativamente distinta da desses trabalhos, assumimos com Cordeiro (2017, 2021)

³ O participípio presente era formado, no latim, pelas desinências *-ns* e *-ntis* e corresponde, em geral, a um adjetivo ou oração relativa, que poderiam ser empregados como atributivo (*dormiens*) ou predicativo (*laudans*), relacionados a um substantivo. (cf. Almeida, 1992; Besselaar, 1960).

⁴ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/sustentabilidade-vira-oportunidade-de-negocio-para-o-turismo-na-serra-gaucha/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

⁵ <https://x.com/privsdohugo/status/1787851001673691149>

⁶ <https://x.com/daebaklya/status/1788965973040500756>

e Bispo e Cordeiro (2020) que o padrão referido representa uma construção, um pareamento de forma-função, nos termos de Croft (2001) e Goldberg (2003, 2006).

Neste artigo em particular, analisamos nomes em *-nte* que designam referentes categorizados/tomados como participantes de um (potencial) relacionamento afetivo, conforme se dá com os casos ilustrados em (2) e em (3). *Ficante* e *observante* expressam estatutos de pessoas (potencialmente) envolvidas em relacionamentos afetivos ou tomadas como na perspectiva de se envolver. O primeiro deles indica a condição de alguém implicado numa relação, mas sem (grande) comprometimento. No caso de *observante*, a condição é de um possível envolvimento.

Três objetivos norteiam esta investigação: i) caracterizar, em termos semânticos, a especialização de nomes em *-nte* que codificam estatuto de alguém (potencialmente) implicado em relação afetiva; ii) discutir a atuação de processos cognitivos subjacentes a essa especialização; iii) explicitar estruturas conceptuais acionadas na emergência desse sentido especializado.

Para tanto, fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme Furtado da Cunha e Bispo (2013, 2023) e Bispo e Lopes (2022). Metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa quantitativo-interpretativista e descritivo-explicativa, segundo detalhamos posteriormente. O material empírico analisado advém de postagens da Rede X (antigo Twitter), publicadas entre os anos de 2023 e 2024.

O artigo está organizado em cinco seções. Na primeira delas, a introdutória, explicitamos o objeto de investigação, apresentamos os objetivos da pesquisa e uma breve exposição dos aspectos teórico-metodológicos. Na seção seguinte, dedicada à fundamentação teórica, expomos as premissas da LFCU e caracterizamos os conceitos operacionais mobilizados na análise dos dados. A terceira seção volta-se aos aspectos metodológicos. Na seção posterior, procedemos à apresentação e à discussão dos dados. Sumarizamos nossos achados nas considerações finais.

1 Quadro teórico

Conforme indicado na seção anterior, as bases teóricas que sustentam esta pesquisa resultam da aproximação entre a vertente norte-americana da Linguística Funcional (LF) e da Gramática de Construções (GC). Trata-se da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizam Furtado da Cunha e Bispo (2013, 2023) e Bispo e Lopes (2022). De forma complementar, também recorreremos à Teoria da Representação Morfológica.

1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Como postulado básico, a LFCU sustenta que há uma estreita correlação entre forma (aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos) e função (aspectos semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos). Significa que o código linguístico espelha, em alguma medida, as funções a que se presta quando mobilizado pelos falantes em suas interações cotidianas (Givón, 1984).

Nesse contexto teórico, a língua é entendida como uma estrutura plástica, maleável, um sistema adaptativo complexo (Du Bois, 1985; Bybee, 2010), fortemente sensível às demandas interacionais e cognitivas. Trata-se de um sistema dinâmico que decorre da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos comunicativos específicos e se desenvolve com base na recorrência de tais eventos.

A gramática de uma língua natural, por sua vez, compreende um conjunto de padrões linguísticos regulares e de outros em processo de regularização (Martelotta, 2011). Resulta da sedimentação de rotinas interacionais convencionalizadas com base nas experiências humanas com a língua em situações reais de comunicação (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

A cognição também desempenha relevante papel no modo como nosso conhecimento linguístico se organiza e se manifesta no uso da língua. Isso porque, de acordo com Tomasello (1998, p. ix), a linguagem é “um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais”. Assumimos que a língua reflete o modo como percebemos e armazenamos a nossa experiência com o mundo e que processos cognitivos gerais, a exemplo da categorização e da analogização (apenas para mencionar alguns), importantes para a estruturação de nossas categorias conceituais, são igualmente relevantes para a estruturação das categorias linguísticas e, conseqüentemente, para o uso da língua.

Desse modo, para a LFCU, a língua deve ser examinada a partir de seus usos efetivos, considerando que é *no* e *pelo* uso que o sistema linguístico se configura. Isso implica analisar a maleabilidade das estruturas linguísticas e os diversos fatores internos e externos à língua que a circunstanciam, uma vez que a recorrência dos fenômenos linguísticos é contingenciada por motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Nessa perspectiva teórica, leva-se em conta a atuação de fatores de natureza múltipla (estruturais, sociocomunicativos, cognitivos e culturais) na configuração das línguas naturais.

Na perspectiva funcional-construcionista, a correlação entre expressão e conteúdo é também capturada por meio do conceito de *construção*: o pareamento forma e função. Esse

pareamento tem significado parcialmente independente dos itens que o constituem (Goldberg, 1995, 2003). Trata-se de uma generalização que os falantes captam a partir de padrões linguísticos recorrentes em contextos interacionais específicos (Furtado da Cunha; Bispo, 2019). É o caso, por exemplo, do esquema $[[X]_v -nte]_N$, que licencia os nomes em *-nte* aqui focalizados.

Croft (2001) representa a construção por meio do elo simbólico entre duas dimensões: a da forma e a do significado (função). A primeira delas implica propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. A função envolve as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Para o exame de nosso objeto de pesquisa, consideramos aspectos atinentes à semântica de um grupo de nomes em *-nte*, além de processos cognitivos e estruturas conceptuais subjacentes à emergência de um sentido especializado. Nessa direção, mobilizamos a extensão semântica, a categorização, a analogização e as projeções conceptuais (particularmente metonímicas), além da noção de *frame*. Esses processos têm papel relevante na construção desse sentido específico atribuído a determinados nomes em *-nte*.

A extensão semântica se caracteriza pela expansão de significado de um termo, resultando em polissemia (Sweetser, 1990). Trata-se de um processo em que um elemento linguístico, num dado contexto de uso, adquire significado diferente do já existente. Segundo Traugott e Dasher (2002), esse novo sentido é negociado pelos parceiros na interação. Essa extensão semântica ocorre basicamente por metonímia e/ou metáfora, estando a primeira relacionada ao mapeamento semântico em um mesmo domínio conceitual e a segunda a mapeamentos entre domínios distintos (Lakoff; Johnson, 1999).

Para a LFCU, a categorização consiste em um processo cognitivo básico e de domínio geral (Lakoff, 1987; Bybee, 2010) que implica agrupar entidades (objetos, ideias, ações etc.) por afinidade, similitude. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas. A organização de nossas experiências com o mundo em categorias conceptuais se dá de modo contínuo, pelo processo constante de assimilação dos atributos de uma dada entidade com as categorias conceptuais de que já dispomos, de redefinição e/ou criação de novas categorias.

Estreitamente relacionada à categorização e nela implicada está a analogização. Corresponde ao mecanismo de associação entre elementos pelo fato de compartilharem determinadas propriedades. Esse mecanismo permite a criação de um novo elemento com base na similaridade com outro existente (Traugott; Trousdale, 2013; Silva; Andrade, 2020). É assim que, por exemplo, com base em nomes terminados em *-nte* já existentes, como *governante*,

pedinte, *amante*, são criados outros, com acepção semântica específica, a exemplo de *brigante* e *chifrante*. O mecanismo analógico subjaz às projeções conceituais, sejam de natureza metafórica, sejam de viés metonímico.

Acompanhando autores como Lakoff e Johnson (1999), compreendemos a metáfora como uma operação cognitiva que envolve mapeamento entre domínios conceituais. Nesse processo, noções de um domínio são projetadas em outro, como é o caso do tempo, que é concebido em termos de espaço, de que resultam expressões como “daqui em diante”, “duas semanas atrás” e “dentro de alguns meses”.

A metonímia, por seu turno, constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual (Lakoff; Turner, 1989). Consiste em um processo cognitivo por meio do qual se consegue chegar a uma entidade conceitual com base em outra de mesmo domínio, via contiguidade. As relações de contiguidade em que se baseiam os vários tipos de metonímia são diversas, incluindo vários sentidos: o espacial, o temporal, o causal, o conceptual, entre outros. São tradicionalmente expressas por “continente pelo conteúdo” (O *prato* parece muito apetitoso), “causa pelo efeito” (A *nuvem pesada* deixou preocupados os moradores das grandes áreas urbanas), “instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada” (Enfrentamos mais uma greve de *ônibus*), “matéria pelo objeto com ela fabricado” (Vestia um *jeans* apertado), “parte pelo todo” (Há muita gente *sem teto*) etc. e o inverso de algumas dessas relações (Silva, 1997).

O conceito de *frame* advém da Linguística Cognitiva e diz respeito a uma das formas de organização de nossas experiências com o mundo físico na cognição. Segundo Fillmore (1985, p. 224), a informação semanticamente relevante é esquematizada em *frames* interpretativos, os quais são uma “organização particular do conhecimento que se coloca como um pré-requisito à nossa habilidade de entender o significado das palavras associadas”⁷. Assim sendo, um *frame* pressupõe cenários, participantes, ações rotineiras e modos de dizer que compõem um dado evento. De acordo com Fried (2015), o *frame* representa a cena de fundo subjacente a uma dada expressão linguística. Neste artigo, recorreremos a alguns *frames* para dar conta da construção do sentido especializado assumido por nomes em -nte. Consideramos tais *frames* em associação à noção de conceito morfológico, caracterizado na próxima subseção.

⁷“Such a frame represents the particular organization of knowledge which stands as a prerequisite to our ability to understand the meanings of the associated words.” (tradução nossa).

1.2 Teoria da Representação Morfológica

Conforme Besedina (2012, 2014), a Teoria da Representação Morfológica investiga a relação entre língua e cognição, particularmente o modo como estruturas linguísticas do nível morfológico (morfemas, palavras, padrões de formação de palavras) perfilam e ativam domínios cognitivos para a construção de sentidos na interação. Consiste, portanto, de uma abordagem cognitivista da estrutura semântica dos itens linguísticos.

Conforme Langacker (1998), Croft e Clausner (1999), Croft e Cruse (2004), as experiências com o mundo podem ser armazenadas cognitivamente de maneiras distintas, via conceptualização. Assumindo a relação estreita entre as estruturas linguísticas e nossas estruturas conceptuais, as categorias morfológicas seriam tomadas como modos possíveis de representação linguística de nossas experiências com o mundo biofísico e social.

Para a Linguística Cognitiva, a semântica das construções é mapeada por meio das estruturas conceptuais que lhe são subjacentes, a exemplo de *conceitos, domínios, frames e/ou modelos cognitivos idealizados*. Para os objetivos deste artigo, consideramos *conceitos, domínios e frames*. Na visão de Langacker (1987), os *conceitos* se relacionam a domínios e são caracterizados com base nessa relação. Conforme Evans e Green (2006), *domínios* seriam a informação a partir da qual conceitos lexicais são compreendidos. Existem domínios cognitivos básicos, calcados em nossa experiência sensorio-motora com o mundo (ESPAÇO e TEMPO, por exemplo), os quais dão origem a outros domínios cognitivos de natureza mais abstrata.

Esses domínios cognitivos básicos e gerais de nossa cognição são fundamentais para a o entendimento da noção de conceito morfológico. Esse conceito consiste na porção de nosso conhecimento que é acessada pelas formas e categorias do nível morfológico da língua. O conteúdo do conceito morfológico é de ordem mais abstrata e é construído com base nos conceitos primários, mais ligados à experiência concreta (Besedina, 2012). Um exemplo fornecido pela autora é a ideia de QUANTIDADE, conceito primário que serve de referência para outros conceitos, como MEDIDA DE PROPRIEDADE e COMPARAÇÃO. Estes últimos constituem conceitos morfológicos que se materializam linguisticamente por meio das formas de modificação de grau dos adjetivos, como em “blusa caríssima” (há envolvimento de uma comparação implícita de um produto em relação a outros de mesma natureza, além de escalonamento/medição que coloca esse produto em posição superior).

Com base na proposta de conceito morfológico de Besedina (2012), analisamos a instauração de sentidos atribuídos aos nomes em *-nte* aqui focalizados. Para tanto, assumimos o postulado de que, na representação morfológica, fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos

atuam como determinantes para a construção de sentidos dos elementos morfológicos em uso, de modo a permitir o perfilamento de/ acesso a conceitos primários recrutados para a efetivação de um dado sentido.

2 Metodologia

Em termos metodológicos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativista quanto à abordagem do fenômeno tratado. Pautamo-nos na análise da semântica de um grupo específico de nomes em *-nte*, caracterizando o sentido a eles associado e na discussão de fatores cognitivos subjacentes aos usos especializados desses nomes.

O banco de dados tomado por amostra é composto por postagens extraídas da rede social *X* (antigo Twitter), publicadas entre os anos de 2023 e 2024. O universo de dados é composto de 387 ocorrências de nomes em *-nte* objeto deste estudo. A opção por postagens do *X* se deve ao fato de ser um espaço que favorece a abordagem de temas e questões de ordem pessoal, como é o caso de relacionamentos afetivos, campo a que está diretamente ligado o grupo de deverbais aqui investigado. Os *types* coletados no *X* foram também pesquisados nos *corpora* Genre/Historical e Web/Dialects, do Corpus do Português, a fim de verificar se já havia ocorrências desses itens em outros contextos e em outras sincronias.

Para a coleta de dados, fizemos um levantamento preliminar, por meio do mecanismo de busca da própria rede social, de nomes em *-nte* que designam estatuto/condição de pessoa (potencialmente) implicada ou na perspectiva de ser implicada em relação afetiva, o que resultou em uma lista de 44 termos. Em seguida, procedemos à busca de ocorrências de todos esses termos, a fim de aferir a sua frequência *token*. Embora esta pesquisa se volte a aspectos essencialmente qualitativos, a frequência de uso é um fato caro aos estudos funcionalistas porque indica se/o quanto um dado fenômeno é mobilizado por uma comunidade de falantes. A referência a dados quantitativos visa demonstrar a inserção dos nomes sob exame no português brasileiro contemporâneo em uso e sua produtividade.

Em posse das ocorrências, organizamos os dados em uma tabela, contendo o *type* identificado, a ocorrência, a data da postagem e o *link* de acesso. Na sequência, procedemos à caracterização do sentido geral a eles associado e de nuances semânticas que revelam estágios e atitudes implicadas em tipos distintos de relacionamento. Posteriormente, discutimos processos cognitivos implicados nas instâncias de uso desses nomes. Para tanto, mobilizamos os seguintes conceitos operacionais: categorização, analogização, projeção metonímica, conceito morfológico e *frames*.

3 Análise e discussão dos dados

Nesta seção, procedemos à análise e discussão dos dados. Primeiramente, caracterizamos, em termos semânticos, os nomes em -nte e examinamos aspectos cognitivos e interacionais subjacentes às suas instâncias de uso. Em seguida, com base na discussão empreendida, apresentamos proposta de representação da construção desse sentido na interação, seguindo os pressupostos da Teoria da Representação Morfológica.

3.1 Caracterização dos nomes em -nte designadores de participantes de (potencial) relação afetiva

Conforme exposto na introdução, os nomes em -nte que aqui investigamos constituem um grupo de itens lexicais licenciado pela construção X-nte cujo propósito é fazer referência a pessoas (potencialmente) envolvidas numa relação afetiva, marcando seu estatuto nessa relação. Embora possamos encontrar nomes cujo uso é um tanto quanto inovador, como *conversante* ou *beijante*, é fato que, pelo menos, dois desses nomes já se encontram plenamente convencionalizados na comunidade de falantes do português brasileiro, a saber: *amante* e *ficante*.

Em uma busca rápida no *corpus Genre/Historical* do Corpus do Português, encontramos 1781 ocorrências da palavra *amante*. Esse item lexical pode ser usado com a acepção relacionada a gostar muito de (ou nutrir afeto por) algo ou alguém, como em (4), em que se registra o grande apreço pela justiça por parte de Xangô, orixá sobre o qual se fala no excerto. Contudo, também se registra, mesmo em sincronias mais antigas, o uso de *amante* para designar o ser envolvido em uma relação extraconjugal, isto é, aquele(a) que mantém relação com uma pessoa já comprometida. É o que vemos no dado presente em (5). *Amante* designa a mulher que mantinha uma relação íntima com o pai do escritor em questão, sublinhando o caráter extraconjugal do laço afetivo, que gerava problemas no seio familiar.

(4) “Orixá forte e poderoso, é viril e atrevido e, como é sincretizado como São Jerônimo, é um **amante** da justiça.” (CP, Genre/Historical)

(5) “Fui tomado de um surto, sentei e escrevi de uma vez 40 páginas como se fosse ele escrevendo, diz o escritor Carlos Sussekind, 61. O que mais o incomodava era o fato de o pai, em seus 30 anos de escritura ininterrupta, nunca ter registrado em o diário qualquer sentimento em relação a **amante** que tinha caso sabido e motivo de brigas em família” (CP, Genre/Historical)

A palavra *ficante*, por sua vez, não encontra correspondência no *corpus Genre/Historical*, mas aparece 790 vezes no *corpus Web/Dialects*. Embora as ocorrências não tenham sido analisadas uma a uma, percebemos que o uso mais comum de *ficante* é o que se refere a um(a) parceiro(a) afetivo eventual, porém contínuo, com o(a) qual não há compromisso sério estabelecido. Assim, pois, *ficante* designa sujeitos engajados em um tipo de relação afetiva específica, os quais não se caracterizam ainda como namorado(a)s, conforme se pode inferir em (6). A ocorrência em (7) evidencia o uso de *ficante* com esse sentido, além de salientar a sua origem na ação de ficar, isto é, envolver-se sem compromisso.

(6) “é importante conhecer os sinais que indicam que o homem está se afastando, já que perceber que o **ficante** ou o namorado não está mais interessado no relacionamento é algo frustrante.” (CP, Web/Dialects)

(7) “a guria tinha ate me levado para a casa dela, me apresentou para a mãe... mas eramos só **ficante**... quem fica nesse papo de só **ficante** é pq ja não quer compromisso... quer usar esse papo mto do brabo pra poder “« ficar ”” (CP, Web/Dialects)

Assumindo o pressuposto de que construções emergem das experiências dos falantes e são generalizações forjadas com base na recorrência de um dado fenômeno em contextos de uso específicos (Goldberg, 1998), postulamos que tanto *amante* quanto *ficante*, dois nomes em –nte já frequentes no repertório linguístico dos falantes do português brasileiro, são responsáveis pela convencionalização de uma função especializada associada ao esquema X-nte: designar indivíduos (potencialmente) envolvidos em relações afetivas. Esse esquema é recrutado também porque licencia, conforme descrito por Cordeiro (2021), a formação de nomes cujos sentidos expressam: i) circunstâncias, como é o caso do possível envolvimento entre dois indivíduos; ii) ações habituais, como as interações frequentes que definem uma relação; e iii) agentes/ experienciadores, entidades causadoras/controladoras/experienciadoras de uma determinada ação ou processo. Desse modo, há uma compatibilidade semântica evidente entre o esquema e a função sob análise neste artigo.

Ao observar os diferentes nomes em –nte designadores de (potenciais) participantes de relações afetivas, percebemos que tais relações são marcadas pela ausência de compromisso. Dito de outro modo, esses nomes emergem em contextos nos quais existe uma relação casual ou apenas uma expectativa de envolvimento afetivo, ainda que esteja implícito algum grau de continuidade desse (possível) vínculo. Vejamos estas ocorrências, com *beijante*, *sonhante* e *flertante*.

(8) “Com qnt tempo de **beijante** pode mandar coisa brega no insta?” (X, 08/05/2024)⁸

(9) Muito se fala sobre sofrer por *ficante*, mas pouco se fala sobre sofrer pelo **sonhante** (aquele que vc só pode pegar sonhando) (X, 18/04/2024)⁹

(10) “Agora tem que ser fiel a **flertante** também?” (X, 17/04/2024)¹⁰

O conteúdo da postagem em (8) permite inferir que o falante mantém uma relação casual com outra pessoa, a qual se caracteriza apenas pelas trocas frequentes de beijos, sem maior compromisso. Decorre daí a condição de *beijante*, embora seja sua vontade “aprofundar” a relação, compartilhando “coisas bregas no insta”. Por seu turno, o uso de *sonhante*, em (9), remete a uma relação (ainda) não existente, mas desejada/sonhada pelo falante. Trata-se de uma relação criada na imaginação do falante por sonhar frequentemente com outra pessoa, a qual passa a ser considerada seu *sonhante*. Nesse caso, é também interessante notar que o falante defende, implicitamente, ser possível sofrer por *sonhante*, tanto quanto por *ficante*, ainda que os dois nomes em –nte designem estatutos distintos em uma relação. Por último, o uso de *flertante*, como se vê em (10), deixa claro, a partir da indagação do falante, que o nome em –nte se refere a um mero flerte que, em si mesmo, já implica não haver fidelidade, comprometimento. Assim como *beijante* e *sonhante*, *flertante* aponta para certa continuidade do suposto tipo de envolvimento referido.

Em termos cognitivos, consideramos primeiramente a atuação do processo de categorização. Para Bybee (2016), a categorização refere-se, grosso modo, ao reconhecimento de similares e/ou diferenças entre as diferentes estruturas linguísticas, a fim de identificá-las como parte de representações já armazenadas. A categorização é um processo dinâmico que se dá via experiência, ou seja, à medida que a nossa experiência com um dado conjunto de itens lexicais se amplia, como resultado obviamente do modo como representamos, na/pela língua(gem), os eventos do mundo, acomodamos as conceptualizações resultantes em categorias preexistentes ou elaboramos outras categorias conceptuais para dar conta delas.

Defendemos, neste artigo, que os nomes em –nte designadores de estatuto de pessoas (potencialmente) implicadas em relações afetivas compõem uma categoria específica. Argumentamos que o processo de categorização desse estatuto se fundamenta nas diferentes

⁸ <https://x.com/KollingRafael/status/1788396711372558508>

⁹ <https://x.com/batilokivi/status/1780616891016339619>

¹⁰ <https://x.com/cezarmonstros/status/1789252383920251172>

conceptualizações de relações afetivas. Entre essas relações, estão as que não implicam compromisso entre as partes envolvidas (*ficante* (2), *beijante* (8) e *gostante* (11)); as que implicam algum grau de envolvimento, mas não são plenamente assumidas (*flertante* (10), *respeitante* (12)); e ainda vínculos que não existem concretamente, a não ser no desejo do próprio falante, caso de *sonhante* (9) e *futurante* (13). Essas formações demonstram que o falante reconhece essas experiências como distintas de outras, o que os motiva a empregar denominações diversas, como é o caso de *namorante* em vez de namorado ou *noivante* no lugar de noivo/noiva, como fica claro na ocorrência em (14).

(11) “mn, tá vendo, se eu estivesse namorando, nada disso teria acontecido e eu culpo meu atual **gostante** e os outros meninos q eu ja gostei” (X, 09/05/2024)¹¹

(12) “Namorados? Não, **respeitante!**” (X, 04/12/2023)¹²

(13) “fiel a **futurante** (o meu futuro namorado que eu nem conheço)” (X, 25/11/2023)¹³

(14) “eu to no **namorante** e se deus quiser em breve estarei partindo pro **noivante** 🧑🏻💍” (X, 25/04/2023)¹⁴

Uma vez que um esquema é recrutado para a conceptualização de uma experiência de mundo particular, como ocorre com o X-nte para os casos exemplificados anteriormente, percebemos, então, que há um mapeamento entre os eventos e entidades envolvidos nessa experiência e os diversos termos licenciados pelo esquema. Do mesmo modo que as relações afetivas se desenvolvem em estágios nos quais os vínculos se tornam mais fortes ou mais complexos, também encontramos uma gradiência entre os diferentes termos que servem à designação desses estágios. A ocorrência em (15) é um tanto quanto icônica, pois ilustra bem essa gradiência. Nesse caso, o falante emprega, inclusive de forma escalar, diferentes nomes em -nte para identificar os distintos estágios do envolvimento afetivo, desde sua gênese (*olhante*), passando por estágios intermediários (*conversante*, *ficante*, *namorante*), até chegar a relacionamentos mais sérios (*noivante*, *casante*). Da mesma maneira, o fim do relacionamento é conceptualizado como gradiente: vai da relação formal (*casante*), passa pelo processo de separação (*divorciante*) até o estágio de completa ruptura de contato (*bloqueante*).

¹¹ https://x.com/_laraemanuele/status/1788679822593434008

¹² <https://x.com/peduhenryck/status/1731838670884241639>

¹³ <https://x.com/azkabowiedeb/status/1728591925715042399>

¹⁴ <https://x.com/ManjaboscoWac/status/1650844356163633154>

(15) “**olhante** > **conversante** > **ficante** > **namorante** > **noivante** > **casante** > **divorciante** > **bloqueante**” (X, 04/07/2023)¹⁵

A propósito, ao olhar de forma mais aprofundada para os nomes em -nte de que nos ocupamos aqui, constatamos que os itens linguísticos recrutados para o slot X da construção, em geral verbos, denotam não somente ações que definem estágios das relações afetivas, como ficar, namorar, noivar, casar ou divorciar(-se). O uso de *olhante*, *conversante* e *bloqueante*, em (15), é um ótimo exemplo de como o esquema X-nte se expande, de modo a recrutar também verbos que exprimem atitudes ou processos que circunstanciam o envolvimento afetivo, como é o ato de *olhar* e de *conversar*, que precedem um vínculo efetivo; assim como *bloquear*, efeito de um possível desentendimento entre um casal, mas não um estágio propriamente dito da relação. Na esteira dessa expansão, encontramos nomes como *conhecente*, *querante*¹⁶, *enrolante*, *enganante*, *transante*, *iludante* e *errante*, formados a partir dos verbos *conhecer*, *querer*, *enrolar*, *enganar*, *transar*, *iludir* e *errar*, os quais, de alguma forma, fazem parte da experiência de se relacionar com alguém. Exemplos desses nomes podem ser vistos nas ocorrências de (16) a (21).

(16) “Meu **conhecente** não admiti que ele é surtado.” (X, 05/08/2023)¹⁷

(17) “mandando foto do **querante** da amanda pra ela n esquecer ele” (X, 14/10/2023)¹⁸

(18) “muito bom as variações de ficante:
- conversante
- **enrolante**
- **enganante**
- observante” (X, 12/06/2023)¹⁹

(19) “Sdds do meu **transante** que decidi não gostar mais de mim” (X, 04/05/2023)²⁰

(20) “meu **iludante** ❤️ a gente se ilude de forma justa e recíproca” (X, 11/06/2023)²¹

(21) “sdd do meu **errante** (só damos errado)” (X, 20/06/2023)²²

¹⁵ <https://x.com/claramalozzi/status/1676417891535671298>

¹⁶ Observa-se, em alguns nomes em -nte, modificação da vogal temática da base verbal. É o caso, por exemplo, de *querante* e *iludante*, derivados de *querer* e *iludir*, respectivamente, os quais têm vogal temática -e, i-. Nos nomes derivados, porém, essas vogais passam a ser -a. Em outros casos, essa alteração não ocorre: *conhecente* (conhecer) ou *enrolante* (enrolar). Esse fenômeno pode motivar uma futura discussão sobre a provável prototipicidade da vogal temática -a no esquema.

¹⁷ https://x.com/aamorim_c/status/1688001600793563136

¹⁸ <https://x.com/reicheenat/status/1713330381330448581>

¹⁹ <https://x.com/bryanhartzz/status/1668274572523601920>

²⁰ https://x.com/_biioliveira_/status/1786731370271617452

²¹ <https://x.com/seberinoalanakk/status/1668050734884040704>

²² https://x.com/_jessiv/status/1671150962512388098

Além desses verbos, flagramos ainda outros que não designam estágios de uma relação, nem processos ou atitudes que circunstanciam ou estão implicados no relacionamento entre duas pessoas, mas codificam ações que apenas indiciam um possível/suposto interesse. É o caso de *visualizar*, *curtir*, *comentar*, *republicar*, *passar* ou *segurar* (a mochila), bases para nomes como *visualizante*, *curtante*, *comentante*, *republicante*, *passante* e *segurante*, como se verifica de (22) a (27).

(22) “Agora como fica meu **vizualizante** sem o instagram??” (X, 05/03/2024)²³

(23) “o imprestavel do meu **curtante** de story n tem curtido vou demitir” (X, 05/05/2024)²⁴

(24) “Meu **comentante** parou de comentar em td q eu posto sinto que terminamos” (X, 08/01/2024)²⁵

(25) ““ves ficam?”
“não ela é minha **republicante**”
(só republica os msm vídeos que eu no ttk” (X, 01/12/2023)²⁶

(26) “estava na academia e meu **passante** (cara q passa do meu lado) me olhou e agora ele é meu **olhante** 🤔 espero promovê-lo a **boa noitante** em breve 🤔🤔🤔🤔🤔” (X, 15/06/2023)²⁷

(27) “o meu **segurante** de mochila pediu p segurar a minha, espero q seja plano de deus pra gente casar” (X, 01/02/2024)²⁸

Por último, encontramos ainda situações em que os verbos recrutados para o slot X apresentam usos idiomatizados, ou seja, com sentidos bastante particulares em nossa língua. É o caso de *chifrar*, designando o ato de traír, e *macetar*, a ação de transar, como ilustram as ocorrências (28) e (29) dos nomes *chifrante* e *macetante*.

(28) “Morrendo que a **chifrante** descobriu que ia ser chifrada primeiro e coringou” (X, 08/01/2024)²⁹

(29) “Já fui **macetante** fixo. Namorado? Não.” (X, 02/08/2023)³⁰

²³ <https://x.com/Malubrunn/status/1765038120658149581>

²⁴ <https://x.com/mallorykeenstan/status/1787300144255205822>

²⁵ <https://x.com/umarobausado/status/1744482765284790388>

²⁶ <https://x.com/uribennz/status/1730539014367981586>

²⁷ <https://x.com/honoralit/status/1669381209124634632>

²⁸ <https://x.com/pirocator00/status/1753102760017289237>

²⁹ <https://x.com/sadbrum/status/1744444531360125107>

³⁰ <https://x.com/NelsonRedPill/status/1686743397065715714>

A variedade de verbos flagrados no *slot* X da construção evidencia, por um lado, a expansão semântica do esquema, marcada pelo que Himmelman (2004) chamou de expansão da classe hospedeira, à medida que novas bases verbais são recrutadas, mesmo que o evento que denotam não implique a existência de um relacionamento afetivo mútuo. Por outro lado, deixa clara a produtividade do esquema X-nte, já que este licencia a formação de um número cada vez maior de *types*, fortalecendo a representação do esquema no repertório de construções da língua (o *constructicon*). A possibilidade de verbos com sentidos muito diferentes entre si serem recrutados pela construção – e, ainda assim, formarem nomes semanticamente similares – deixa evidente que o sentido do nome em –nte não está somente no item lexical que lhe serve de base, mas em todo o esquema. É com base no esquema e em sua vinculação ao contexto de uso em que frequentemente ocorre que construímos sentido para tais nomes.

O mecanismo cognitivo responsável por essa expansão é, certamente, a analogização. A partir da conceptualização que constroem em torno de itens lexicais como *amante* e, principalmente, *ficante*, os falantes compreendem que o mesmo esquema que os licencia pode ser recrutado para expressar, por analogia, outros estágios de uma relação e seus respectivos papéis (*namorante, casante, divorciante*). Da mesma forma, o esquema é mobilizado para designar processos implicados nos mais diversos arranjos afetivos (*iludante, enrolante, enganante, bloqueante*) até eventos que, por si, não expressam qualquer envolvimento, mas apenas indiciam certo interesse (*visualizante, comentante, curtante*). A expansão ocorre de tal modo que substantivos e até sintagma nominal com modificador também passam a figurar entre as bases, ocupando o *slot* X, caso de *futurante*, em (13), e *boa noitante*, em (26). O primeiro deles, formado a partir de *futuro*, refere-se à perspectiva de um possível envolvimento em tempo posterior; *boa noitante*, por sua vez, representa o estatuto da pessoa com quem frequentemente o falante troca(ria) cumprimentos (a saudação *Boa noite!*).

Os nomes em –nte designadores de participantes de (potenciais) relações afetivas são resultado, ainda, de projeções metonímicas, como aponta Cordeiro (2021). Ao analisar substantivos licenciados pelo esquema X-nte, o autor pontua que subjaz a esses nomes uma relação de contiguidade do tipo "o todo pela parte", já que o falante focaliza o participante do evento denotado pelo verbo que serve de base ao nome. Por exemplo, *comentante* e *cantante*, vistos em (30), referem-se, respectivamente, ao indivíduo que comenta as publicações de outrem com um possível interesse e ao indivíduo que dá uma cantada, como o falante mesmo explica.

(30) “nao é possível uma pessoa nao ter nem um **comentante** (alguém que comenta seus stories) ou um **cantante** (alguém que te dá uma cantada). nao é possível ser tão invisível ou feia ao ponto de ninguém te notar e você passar despercebida” (X, 30/09/2023)³¹

(31) “ces são fiel a ficante eu sou fiel a **querante**, basta eu querer a pessoa pra monogamia começar” (X, 11/10/2023)³²

Percebemos, portanto, que, também no caso de alguns nomes aqui analisados, a referência aponta para os responsáveis pela ação. No entanto, outros termos diferenciam-se quanto à perspectivização do evento, uma vez que o nome pode designar, nesses casos, o alvo da ação denotada pelo verbo, não o seu responsável, como ocorre com a maioria dos nomes em –nte agentivos. A título de ilustração, *querante*, em (31), é a denominação atribuída à pessoa com quem o falante deseja relacionar-se. Assim, *sonhante*, *gostante*, *conhecente* ou *querante*, cuja ocorrência vemos em (31), designam os respectivos alvos do conteúdo designado por *sonhar*, *gostar*, *conhecer* ou *querer* e não os responsáveis pelas ações, processos ou estados codificados por esses verbos.

3.2 Representação semântico-cognitiva de nomes em -nte designadores de participantes de (potencial) relação afetiva

A Teoria da Representação Morfológica (Besedina, 2012; 2014) assume como premissa básica que conceitos morfológicos mobilizam categorias conceptuais mais básicas – a exemplo dos *frames* – para a construção de sentidos. Portanto, o sentido assumido por uma estrutura morfológica pode ser definido em função: i) do conceito morfológico que expressa; ii) das estruturas conceptuais ativadas por esse conceito; e iii) da interação de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos dos contextos de uso, responsáveis por acionar as noções mais salientes das categorias conceptuais para a emergência de determinado sentido.

No que se refere à construção X–NTE, Cordeiro (2021) postula que as instanciações dessa construção dão acesso ao conceito morfológico de PREDICAÇÃO, por conterem uma declaração sobre a entidade referente expressa pelo verbo que lhe serve de base (*estudante*, por exemplo, é alguém que realiza a atividade de estudar). O conceito de PREDICAÇÃO, por sua vez, ativa domínios cognitivos mais básicos, como os *frames* de ENTIDADE e EVENTO. Outros *frames*, como aqueles específicos ao evento denotado pela base verbal, podem ser

³¹ <https://x.com/friendssb99/status/1708111282069491835>

³² <https://x.com/vxlrafa/status/1712287085590180058>

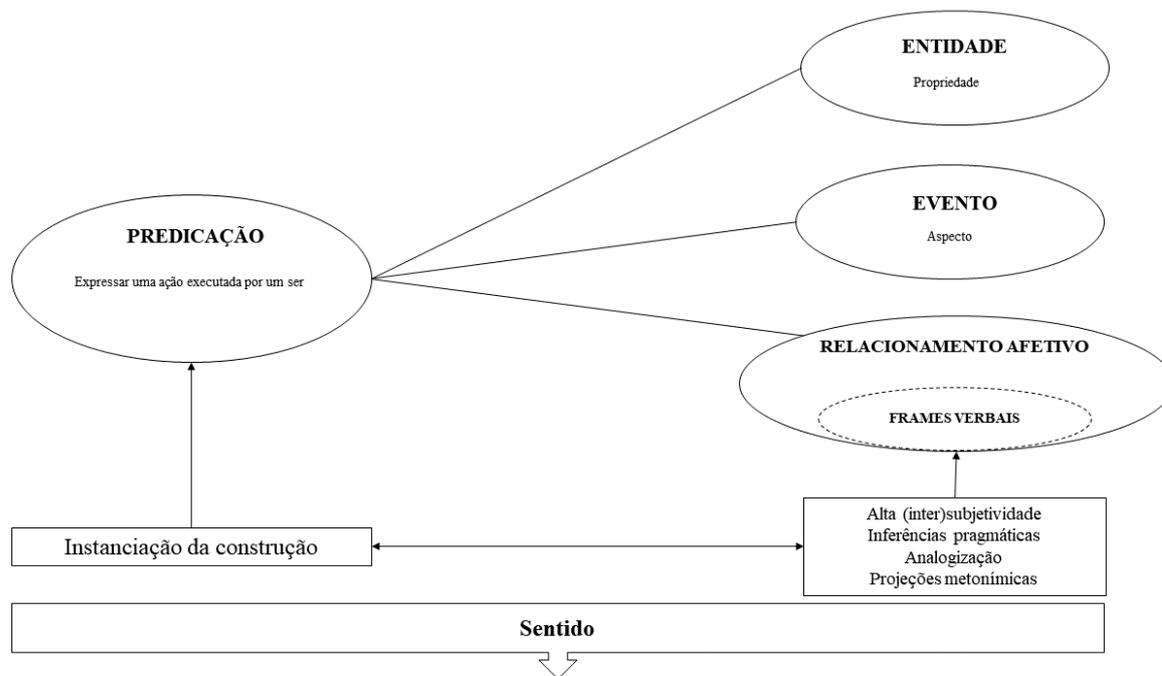
recrutados para a construção de sentidos. Por fim, fatores do próprio contexto de uso (sintáticos, semânticos e/ou pragmáticos) atuam nessa negociação, perfilando noções presentes nos domínios cognitivos acionados.

De modo semelhante, os nomes em *-nte* aqui analisados ativam a noção de “Expressar condição/papel do referente”, presente no conceito morfológico de PREDICAÇÃO. Essa noção, por sua vez, ativa a noção de “Propriedade” presente no *frame* de ENTIDADE, já que verificamos semanticamente a referência a um ser, uma entidade do mundo: a pessoa (potencialmente) envolvida no relacionamento afetivo. Uma vez que o papel atribuído ao referente do nome em *-nte* se ancora na reiteração de determinados eventos entre os participantes de uma (potencial) relação afetiva, percebemos que esses nomes ativam a noção de “aspecto”, noção constituinte do *frame* de EVENTO. Postulamos que o *frame* de RELACIONAMENTO AFETIVO também é mobilizado como uma categoria conceptual basilar, haja vista a conceptualização da relação afetiva ser crucial para o sentido instaurado por esses nomes. É em função desse *frame* que os *frames* específicos às bases verbais são recrutados, já que podem expressar estágios de uma relação (ficar, namorar, casar), atitudes implicadas em envolvimento afetivos (beijar, transar, iludir, chifrar) e ainda ações que podem indicar algum interesse afetivo (curtir, comentar, republicar, olhar).

Fatores sociointeracionais e cognitivos são relevantes para que o sentido se estabeleça. Inicialmente, nomes em *-nte* que designam referentes categorizados como participantes de um (potencial) relacionamento afetivo são marcados por uma alta (inter)subjetividade, à medida que expressam a perspectiva do falante sobre um outro ser por quem nutre algum tipo de sentimento, que ele pode julgar ser recíproco ou não. Inferências pragmáticas são lançadas nos contextos de uso desses nomes para que o interlocutor compreenda, por exemplo, que não se trata de um comprometimento efetivo entre duas pessoas, podendo representar, inclusive, vínculos que sequer existem. Cognitivamente, os falantes reconhecem que há um padrão recorrente (X-nte) nesses contextos, o que lhes permite categorizá-lo e empregá-lo analogicamente de modo a recrutar outras bases para a formação de novos termos. A projeção metonímica do tipo “o todo pela parte” e a perspectivização do evento conceptualizado pelo nome permitem que os falantes e seus interlocutores compreendam tratar-se de um participante ou objeto de desejo de uma possível/suposta relação afetiva.

Considerando esses apontamentos, chegamos ao esquema ilustrado na Figura 01, que representa a construção semântico-cognitiva de nomes em *-nte* designadores de referentes tomados como participantes de uma (potencial) relação afetiva.

Figura 01 - Construção semântico-cognitiva do sentido de nomes em *-nte* designadores de referentes tomados como participantes de uma (potencial) relação afetiva.



Fonte: Cordeiro (2021).

A fim de ilustrar esse processo, analisamos as ocorrências em (32) e (33).

(32) “de **conversante** vira inimigo, não tô indo nem pra fase de ficante mais.” (X, 04/05/2024)³³

(33) “Deus ouviu minhas preces e o meu **respirante** terminou com a ficante dele” (X, 01/04/2024)³⁴

Na ocorrência em (32), o falante declara que, geralmente, seus *conversantes* se tornam inimigos e não evoluem para *ficantes*. O termo *conversante* ativa o conceito morfológico de PREDICAÇÃO, pois expressa a condição do referente em relação ao falante, que atribui àquele um papel. Uma vez que a predicação pode ser entendida como uma declaração sobre uma entidade do mundo, neste caso, a pessoa com quem se mantém uma suposta relação, defendemos que o conceito morfológico de PREDICAÇÃO ativa dois *frames* que compõem

³³ https://x.com/_josephrosa/status/1786830024215089553

³⁴ <https://x.com/ilovsngmin/status/1774982183624573192>

nossas estruturas conceptuais mais básicas: o *frame* de ENTIDADE e o *frame* de EVENTO. No *frame* de ENTIDADE, o conceito morfológico de PREDICAÇÃO aciona a ideia de “Propriedade”, ou seja, o papel que é atribuído ao ser a quem o falante se refere; já no *frame* de EVENTO, aciona-se a ideia de “aspecto”, já que a atribuição do papel de *conversante* ancora-se na reiteração do ato de conversar, que ocorre entre o falante e seu (suposto) parceiro.

O *frame* de RELACIONAMENTO AFETIVO também é recrutado, uma vez que o referente do nome em *-nte* é compreendido como participante de uma potencial relação afetiva que o falante supõe com ele manter. A partir desse enquadramento, é que tomamos a ação de *conversar* como um estágio do envolvimento entre o falante e seu (suposto/presumível) parceiro. Nesse contexto, em particular, podemos inferir pragmaticamente que *conversante* designa alguém com quem o falante vislumbra se envolver de forma mais comprometida, já que essa pessoa poderia vir a se tornar *ficante*. Assim, por meio da interação entre os *frames* de ENTIDADE, EVENTO e RELACIONAMENTO AFETIVO, além das inferências pragmáticas lançadas pelo falante, compreendemos que *conversante* designa alguém com quem frequentemente o falante conversa e por quem mantém certo interesse, o que pode, eventualmente, resultar em um envolvimento afetivo.

Em (33), destacamos o uso de *respirante*, termo que o falante utiliza para se referir a alguém por quem mantém desejo de se relacionar afetivamente, tanto que comemora o fato de seu *respirante* não ter mais *ficante*. De modo semelhante ao que ocorre com *conversante*, *respirante* também condensa uma predicação sobre o referente, no sentido de que o falante lhe atribui um papel que se dá, essencialmente, pelo fato de respirarem o mesmo ar. Assim, o conceito morfológico de PREDICAÇÃO ativa os *frames* de ENTIDADE e EVENTO. Embora respirar não seja necessariamente uma atitude que implica envolvimento afetivo entre duas pessoas, o contexto de uso ativa o *frame* de RELACIONAMENTO AFETIVO a partir das pistas que o falante fornece. Ao celebrar o rompimento entre o seu *respirante* e uma terceira pessoa, o falante permite-nos inferir que o *respirante* é seu ‘objeto de desejo’, com quem mantém um vínculo afetivo até então imaginário. *Respirante* é também compreendido como designação de uma pessoa potencialmente envolvida em um (suposto) relacionamento por analogia a *ficante*. Dito de outro modo, uma vez que *ficante* designa alguém com quem se mantém uma relação casual, calcada no ato de ficar, por analogia *respirante* serve como referência a alguém com quem ainda não se mantém tal relação, mas possivelmente caminha para isso, já que, pelo menos, compartilha-se a ação de respirar.

Considerações finais

Assentados numa perspectiva funcional-construcionista, analisamos, neste artigo, nomes em -nte utilizados para designar pessoas (potencialmente) implicadas em um relacionamento afetivo. Sustentamos que tais nomes constituem um conjunto particular de itens linguísticos licenciados pelo esquema $[[X]_V -nte]_N$, formador de substantivos e adjetivos no português brasileiro.

A caracterização semântica a que procedemos revelou que os nomes aqui focalizados servem não apenas para se referir a pessoas envolvidas ou com potencial envolvimento em relação afetiva, mas também para indicar o estatuto a elas conferido nessa relação. Assim, por exemplo, *curtante*, *ficante*, *macetante*, *namorante*, *casante*, entre outros, ao mesmo tempo em que codificam referentes que (presumivelmente) participam de um relacionamento afetivo, indicam o tipo/natureza dessa participação.

Do ponto de vista cognitivo, discutimos o processo de categorização desses nomes, com base nas experiências humanas, particularmente em suas relações interpessoais, e na conceptualização de tais experiências. Nessa direção, mostramos como diferentes modos de experienciar socialmente e de conceptualizar essas relações são refletidos na codificação linguística: *visualizante*, *curtante*, *ficante*, *namorante* e *casante* designam, por exemplo, estatutos distintos de (presumíveis) participantes de relacionamentos e mostram uma gradiência ascendente de engajamento.

Analogização e metonímia também foram consideradas no exame de instâncias de uso analisadas. A primeira constitui, a nosso ver, o mecanismo responsável pela expansão semântica por que passa o esquema $[[X]_V -nte]_N$ no licenciamento de nomes designadores de participantes de relações afetivas. A projeção metonímica, por sua vez, se dá pela contiguidade conceitual na relação parte-todo, ao se destacar a entidade/pessoa (parte) envolvida no evento (todo).

Por fim, procedemos à representação morfológica dos nomes em -nte aqui examinados com base na proposta de Besedina (2012, 2014) e em conformidade com Bispo e Cordeiro (2020) e Cordeiro (2021). Para tanto, consideramos a ativação do conceito morfológico de PREDICAÇÃO e as noções de propriedade e de aspecto, implicadas nos frames de ENTIDADE e de EVENTO, respectivamente. Levamos em conta, ainda, o frame de RELACIONAMENTO AFETIVO, que defendemos também ser acionado na representação morfológica.

A análise de um grupo particular de nomes em -nte aqui empreendida corrobora o postulado funcionalista de que as estruturas linguísticas são forjadas no uso e de que, em alguma

medida, refletem as funções a que servem nas práticas interacionais situadas. Também reforça a premissa de que os padrões linguísticos emergem, rotinizam-se e são moldados pela interação complexa de princípios cognitivos, culturais e comunicativos.

Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. 24. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 1992.
- BESSELAAR, José Van Den. *Propylaeum latinum* - Vol. I: Sintaxe latina superior. São Paulo: Herder, 1960.
- BESEDINA, Natalia. Evaluation through Morphology: A Cognitive Perspective. *Selected Papers from the 3rd UK Cognitive Linguistics Conference*. UK: The United Kingdom Cognitive Linguistics Association, 2012, p. 177-192.
- BESEDINA, Natalia et al. Morphology of number in English: a cognitive perspective. *Journal of Language and Literature*, Baku, Azerbaijan, v. 5, n. 3, p. 83-88, 2014. DOI: <https://doi.org/10.7813/jll.2014/5-3/15>. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/151233206.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando da Silva. A construção de sentidos no uso de adjetivos em -nte: uma abordagem funcional-cognitiva. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, p. 85-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v18i1.6130>. Disponível em: <https://periodicos.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/6130>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, Natal, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID28489>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CORDEIRO, Fernando da Silva. *Construção nominalizadora de participio presente: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- CORDEIRO, Fernando da Silva. *Nomes em -nte sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, William; CLAUSNER, Timothy. Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics* 10 (1). Berlim: Walter de Gruyter, 1999, p. 1-31.
- DIAS, Elaine Ferreira. *A evolução do participio presente em Português*. 2014. 253f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

- DU BOIS, John. Competing motivations. In: HAIMAN, John. (Ed). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FILLMORE, Charles. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v.6, n.2, p. 222-254, 1985. Disponível em: <https://www.cs.toronto.edu/~gpenn/csc2519/fillmore85.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- FRIED, Mirjam. Construction Grammar. In: ALEXIADOU, Artemis; KISS, Tibor. (Ed.) *Handbook of syntax*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2015. p. 974-1003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n.1/2, p. 53–78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Revista Solettras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 103-116, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38075>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38075>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico- metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, Ivo Costa do (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: Edufro, 2023. p. 7-14.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. New York: Academic Press, 1984.
- GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure generalizations*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele Eva. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110226300.6.717>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110226300.6.717/html>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions at work*. New York: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago/London: UCP, 1989.
- LANGACKER, Ronald William. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Sintaxe e semântica do particípio presente. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 259-273, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4375>. Acesso em: 12 mai. 2025.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Formas nominais em *-nte* do Português do Brasil: uma análise sintática. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2010. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/77>. Acesso em: 12 mai. 2025.

OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. O particípio presente em cartas de Bernardo de Claraval: mudança e conservação na língua portuguesa. *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n. 35/36, 2º semestre de 2008/1º semestre de 2009, p. 99-127, 2009. Disponível em: <https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/704>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SILVA, José Romerito; ANDRADE, Maria Aparecida da Silva. “Vai chatear o Camões”: a construção impositiva de destrato. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 43-74, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2020v21n1p43>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p43>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 49-75.

TOMASELLO, Michael (Ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graemme. *Construcionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 26 de dezembro de 2024
Aceito em 24 de março de 2025